

A DERRUBADA DAS CARNAUBEIRAS NO VALE DO AÇU/RN

The Tips of the Carnaubeiras Açú valley /RN

Silva Filho, Raimundo Inácio da¹; Frutuoso, Gilciane Kariny da Costa²
raimundofilho@uern.br

1. INTRODUÇÃO

Historicamente a exploração dos recursos naturais sempre foi destacável na vida econômica do Brasil. Inicialmente se deu com a exploração da costa do território nordestino com a derrubada de árvores e a extração do pau Brasil para a exportação, e posterior utilização da área para o plantio da cana-de-açúcar. Segundo Freyre (2004) esse método devastador se aprofunda e se alastra sobre as matas, as águas, os animais e os homens do território nordestino. Corroborando com esse entendimento, Prado Júnior (1992) argumenta que o caráter inicial do processo de formação e de ocupação do território brasileiro foi o de "exploração por exploração".

No Rio Grande do Norte a cultura exploratória e devastadora da natureza não tem sido diferente. Atualmente é possível presenciar *in loco* a extração indiscriminada dos recursos naturais sem, contudo, haver monitoramento por parte dos órgãos oficiais nas diferentes esferas administrativas. A devastação das carnaúbas na microrregião do Vale do Açú é consequência desse processo histórico, da demanda por investimentos em novas atividades econômicas, da falta de fiscalização e de educação ambiental.

Por entender que a vegetação de carnaubeiras possui significativa importância para o ecossistema e formação de riqueza regional, é que apresentamos o crescimento vertiginoso da derrubada das árvores e das áreas degradadas, ocorridas a partir da construção da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves no início da década de 1980.

¹ Docente UERN/CAWSL/DGE, Assú-RN

² Docente UERN/CAWSL/DGE, Assú-RN

2. OBJETIVO

O presente trabalho tem o objetivo de mostrar a redução das áreas com ocorrências de carnaubeiras no período de 1966 a 2010.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

A microrregião do Vale do Açu (RN) faz parte, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da mesorregião Oeste Potiguar. A mesma é cortada e banhada pelo rio Piranhas-Açu, integra o bioma caatinga e está inserida em plenos domínios do clima semiárido. O espaço geográfico açuense é composto pelos municípios: Alto do Rodrigues, Assú, Carnaubais, Ipanguaçu, Itajá, Jucurutu, Pendências, Porto do Mangue e São Rafael. Esses municípios ocupam uma área de 4.756,1 km², o que corresponde a 9,06% do território potiguar (AQUINO, SILVA FILHO & MIRANDA, 2013).

A carnaúba (*Copernícia cerífera*), objeto deste estudo, é uma palmeira nativa da região semiárida do Nordeste brasileiro. Segundo Gico (1995, p. 43) "a carnaúba é planta típica do sertão". Por ser componente das matas ciliares nordestinas, esta árvore exerce funções fundamentais ao equilíbrio ecológico regional, em especial, à conservação dos solos e proteção dos rios contra a formação de processos de erosão e assoreamento. As maiores ocorrências encontram-se nos vales dos rios Jaguaribe e Acaraú (Ceará), Parnaíba (Piauí), Piranhas-Açu e Apodi (Rio Grande do Norte).

A metodologia consistiu em mostrar as áreas de carnaubeiras que foram devastadas no Vale do Açu/RN, no período de 1966 a 2010. Para tanto, a amostra limitou-se aos municípios de Assú, Carnaubais e Ipanguaçu. Isso porque ainda pertence a eles a existência das maiores ocorrências dessas árvores na região. Os dados foram coletados em diversas fontes e estudos relacionados ao tema em questão. O trabalho trilhou as orientações dos estudos realizados por Aranha (1995), Cruz (1995), Albano (2009) e Moura (2011).

4. RESULTADOS

Os dados mostram que durante o período de 1966 a 2010 a área devastada e o extermínio das árvores foram da ordem de 70%. Em 1966 a área com ocorrência de carnaubeiras era de 447 km² e o número estimado de árvores era de 6.000.000. Em 1988, período em que se iniciaram os grandes projetos de irrigação na região, a área com ocorrência de carnaubeiras diminuiu para 194 km², enquanto que o número estimado de árvores caiu para 2.600.000. Por último, em 2010, a área com ocorrência de carnaubeiras é drasticamente reduzida para 130 km², enquanto que o número estimado de árvores chega a apenas 1.800.000.

5. DISCUSSÃO

O surgimento de novas atividades econômicas no Vale do Açu/RN (agricultura irrigada, carcinicultura, cerâmica, petróleo e gás natural), a partir de 1980, contribuiu para acelerar a devastação das áreas de carnaubeiras e o uso indiscriminado dos solos férteis para fins produtivos. Isso já é bastante visível na paisagem açuense. Depois de derrubadas e queimadas, as carnaubeiras são destinadas para os fornos cerâmicos como matriz energética. Por sua vez, a argila é usada para a confecção dos produtos cerâmicos (telhas, tijolos e lajotas). Esse tipo de atividade, que não é monitorada pelos órgãos ambientais, se constitui numa ação bastante prejudicial ao ecossistema regional ao provocar impacto na paisagem, erosão do solo e alteração do regime de escoamento das águas superficiais. Pesquisa realizada por Oliveira (2010) mostra que a argila é extraída em baixadas de vales e nas proximidades dos rios e lagoas, causando, portanto, a degradação do solo, dos rios, da flora e da fauna.

6. CONCLUSÃO

As áreas com ocorrências de carnaubeiras foram reduzidas drasticamente nos

últimos cinquenta anos. Ao longo desse tempo, a exploração correu sem nenhum tipo de fiscalização oficial. Com isso a devastação tem provocado modificações na paisagem regional, apesar da existência de uma ampla legislação ambiental. Conclui-se, portanto, que a área com ocorrência de carnaubeiras na região açuense está em declínio e em avançado processo de degradação ambiental. As áreas rurais dos municípios de Assú, Carnaubais e Ipanguaçu foram as mais devastadas e, como conseqüências, o ecossistema regional tem sofrido impactos negativos, causados pela inserção de novas atividades econômicas. Os dados confirmam que no período de 1966 a 2010 a área devastada e o número de carnaubeiras derrubadas chegam a 70%.

7. REFERÊNCIAS

ALBANO, G. P.; Sá, A. J. de. Vale do Açu-RN: a passagem do extrativismo da carnaúba para a monocultura de banana. **Revista de Geografia**, v. 26, n. 3, set/dez. 2009.

AQUINO, Joacir Rufino; SILVA FILHO, Raimundo Inácio; MIRANDA, Maurício. A socioeconomia e o meio ambiente do Vale do Açu no limiar do século XXI. OESTE – **Revista do Instituto Cultural do Oeste Potiguar**, n. 17, pp. 29-43, jul. 2013.

ARANHA, Terezinha de Queiroz. **Sesquicentenário da Cidade do Assu: 1845-1995**, Natal(RN), Departamento Estadual de Imprensa, 1995 (Coleção Vale do Assu, 12), pp.119-127.

CRUZ, Rogério. **Processo de produção de cera de carnaúba**: um exercício teórico. *In*: Aranha, Terezinha de Queiros. **Sesquicentenário da Cidade do Assu: 1845-1995**, Natal(RN); Departamento Estadual de Imprensa, 1995.(Coleção Vale do Assu, 12), pp.119-127.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem no Nordeste do Brasil. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.

GICO, Vânia. A **carnaúba**: resumo comentado. *In*: Aranha, Terezinha de Queiros. **Sesquicentenário da Cidade do Assu: 1845-1995**, Natal(RN); Departamento Estadual de Imprensa, 1995.(Coleção Vale do Assu, 12), pp.43-46.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 25 set. 2011.

MOURA, Fábio Araújo de. **Análise econômica da atividade extrativista da carnaúba no município de Carnaubais/RN**. Monografia (Bacharel). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. (2011), 59p.

OLIVEIRA, Rafaela Cabral de. **Análise socioeconômica da indústria de cerâmica vermelho no município de Itajá/RN**. Monografia (Bacharel).

Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. (2010), 66p.
PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
